

DESLOCAÇÕES CRIATIVAS a oriente no romance contemporâneo

Isabel Pires de Lima¹
Universidade do Porto

RESUMO:

Macau foi, até 1999, o último bastião territorial português a Oriente e ocupou, ao longo dos séculos, um espaço significativo no imaginário literário português. Porém, nos anos 80 e 90, assistiu-se a uma forte revisitação ficcional de Macau pela literatura contemporânea portuguesa. Em que medida uma tal revisitação se intensifica em função do próprio processo de redefinição da identidade portuguesa, secularmente dispersa pelo mundo e então em vias de se acantonar, com o fim do império e a integração na UE, ao seu lugar matricial no extremo ocidental da Europa? Escritores relevantes – Agustina Bessa-Luís, Eugénio de Andrade, Rebordão Navarro, Altino Tojal, entre outros – dialogaram, na busca de si próprios e da recolocação identitária colectiva, com o Próprio e o Outro que Macau e o Oriente constituem. Até que ponto (re)construíram Macau e o Oriente com os olhos do Ocidente e até onde foram contaminados pelo imaginário oriental? Importa equacionar e repensar algumas destas questões a partir dos seus textos. Será dado especial enfoque a dois romances dos anos noventa de Agustina Bessa-Luís (*A Quinta Essência*, 1999) e Rebordão Navarro (*As Portas do Cerco*, 1992) que procedem a essa revisitação através de um processo de “transfictionnalité” (cf. R. Saint-Gelais) a partir da personagem e dos versos de Camilo Pessanha, o excepcional poeta simbolista português que se radicou em Macau e cuja poesia se deixou imbuir pela cultura chinesa. Será pela sua mão que os dois romancistas procederão a uma busca ontológica e identitária que os fará viajar entre mundos e construir “mundos possíveis” (Cf. Lubomir Dolezel).

PALAVRAS-CHAVE:

Macau, romance português contemporâneo, identidades, interculturalidade, “transfictionnalité”

>>

ABSTRACT:

Macau was, until 1999, the last Portuguese territorial stronghold in the Far East and, over the centuries, has occupied a significant space in Portuguese literary imaginary. However, in the 1980's and 90's, Portuguese contemporary literature witnessed a heavy burst of Macau fictional revisiting. To what extent is such booming revisiting a result of the process itself of redefining Portuguese identity, spread throughout the world over the centuries, and then on the way to cantonment, by way of end of empire and integration within the European Union, to its mother place at far end of Western Europe? Relevant writers – Bessa-Luís, E. Andrade, R. Navarro, A. Tojal, amongst others – have set a dialogue, in search for both themselves and the collective identity redeployment, with the Self and the Other that Macau and the East become. To what extent have they (re)built Macau and the East through Western eyes and how far have they been contaminated by eastern imaginary? It is important to equate and rethink some of these issues using their texts as a springboard. Particular focus will be given to two 1990's novels by R. Navarro (*As Portas do Cerco*, 1992) and Bessa-Luís (*A Quinta Essência*, 1999) who proceed to such revisiting through a process of "transfictionnalité" (cf. R. Saint-Gelais) running through the character of and verses by C. Pessanha, the exceptional Portuguese symbolist poet who settled in Macau and whose poetry has been influenced by Chinese culture. Guided by his hand, the two novelists will go on an identity and ontology search that will take them on a journey between worlds and thus building "possible worlds" (Cf. Lubomir Dolezel).

KEYWORDS:

Macau, Portuguese contemporary novel, identities, interculturality, "transfictionnalité"

São as verdades tão absolutas que não admitam algumas modificações nas diversas circunstâncias a que se aplicam?

(José Ignácio Andrade, das cartas escritas entre 1813 e 1835 da Índia e da China citadas por Agustina Bessa-Luís, em *A Quinta Essência*)

Miragem inconstante, que resvala

No horizonte do louco pensamento

(Camilo Pessanha, versos do poema "Lúbrica", de *Clepsidra*, apostos por Rebordão Navarro como epígrafe do capítulo VIII de *As Portas do Cerco*)

Camilo Pessanha, em 1920, publicava na revista macaense, *Academia*, a tradução do chinês de uma legenda budista que diz assim:

Colocando-se fronteiros dois espelhos, duas imagens se formam, - qual delas mais vazia?
Dissolvendo-se água límpida em água límpida, ficam ambas de uma mesma limpidez. (Pessanha 1992: 207)

Talvez esta legenda seja uma imagem aparentemente às avessas daquilo que a ficção portuguesa contemporânea parece querer fazer em relação ao desvendamento de Macau, particularmente na sua relação com Portugal, enquanto tal relação constituiria a pedra de toque para a identificação, naturalmente de Macau, mas também para a própria identificação de Portugal como nação. Isto é, estamos perante uma região especial de uma sábia nação milenar e perante uma nação velha de mais de oito séculos que se olham especularmente no sentido de se verem e porventura reconhecerem mutuamente com alguma limpidez e transparência. Porém os espelhos estão repletos de imagens que na sua múltipla reflexão se tornam labirínticas e as águas, ambas turvas, do Tejo e do Zhu Jiang não deixam ver fundos de pérolas ou de tágides. Dissolvem-se, água turva em água turva, e ficam ambas de uma mesma opacidade intercultural.

É esta a sensação com que se fica quando se percorre alguma da literatura portuguesa do último quartel do século XX e da primeira década do presente milénio que coloca o seu foco ficcional em Macau e porventura quando se percorre a literatura feita por escritores de Macau que se identificam ou se interrogam sobre a cota parte da memória portuguesa na identidade macaense.

Centrar-me-ei apenas em dois romances portugueses da década de 90, *As Portas de Cerco* (1992), de António Rebordão Navarro e *A Quinta Essência* (1999), de Agustina Bessa-Luís, mas a aludida generalização pode ser pressentida a partir do trabalho de Mónica Simas, centrado sobre um amplo e diversificado

leque de autores portugueses e macaenses das últimas décadas, na conclusão do qual a autora admite que Macau, nesse *corpus* ficcional se revela “uma constelação de temas e de enigmas que podem ou não ser decifrados” (Simas 2007: 317).

Muita da ficção portuguesa daquele período, tendo ou não Macau como matéria ficcional, corporiza interrogações identitárias porventura decorrentes dos problemas de “hiperidentidade” que Portugal terá, na ótica irónica expressa por Eduardo Lourenço, a qual se manifestaria numa “fixação na *diferença* que nos distingue ou que imaginamos que nos distingue em relação aos outros povos”, o que revelaria uma “elevada segurança *ontológica* em contraste com uma *fragilidade objectiva*”, conduzindo-nos ao que designa por “uma *existência imaginária*” (Lourenço 1990: 10-2).

Acresce que o último quartel do século XX foi marcado por profundas mudanças na tal “existência imaginária” de Portugal, na medida em que será nesse período que Portugal perderá definitivamente o lugar de centro – centro de um império secular e de uma diáspora quase universal – para se reduzir a esse lugar periférico de pequeno rectângulo europeu bordejando o Atlântico de onde partira, há mais de 500 anos, para a primeira grande aventura planetária. Nesse período, Portugal confrontara-se também com outra aventura com consequências para a sua auto-imagem como país: a integração na então Comunidade Económica Europeia, hoje União Europeia. A vizinha Espanha e as nações europeias, historicamente percebidas ora como aliadas, ora como inimigas, mas sempre bem diferenciadas como nações e Estados, subitamente passam a ser tidas por parceiras políticas, económicas e estratégicas. Tudo isto acontece, ainda por cima, num momento em que outra realidade, decorrente da revolução tecnológica da era pós-industrial – a globalização – provocará uma revolução na auto-compreensão da humanidade e, claro está, de cada nação e país de per si.

Não admira, portanto, que boa parte do vastíssimo *corpus*

ficcional do período em causa, e também muito do nosso ensaísmo, se tenha centrado na autognose nacional, procurando inventar Portugal, ficcionalizar a pátria, revisitando o passado ou inventando futuros, por vezes inventando o passado e lembrando o futuro... Quase todos os nossos grandes autores sucumbiram a essa tentação, desde Lobo Antunes ou Agustina Bessa-Luís, passando por Almeida Faria, José Saramago, Augusto Abelaira, Lídia Jorge, Mário Cláudio e tantos outros. Esta vaga avassaladora permite até o aviso jocoso de Luísa Costa Gomes ao leitor, no início de um romance seu de 1988, *O Pequeno Mundo*:

>>

Leitor! Este livro não fala do 25 de Abril. Não se refere ao 11 de Março e está-se nas tintas para o 25 de Novembro. Pior, não menciona em lugar nenhum a guerra em África. Não reflecte sobre a nossa identidade cultural como povo, o nosso futuro como nação, o nosso lugar na comunidade europeia. Suportará o leitor um livro assim? (Gomes 1988: 7)

Ora os dois romances vertente sobre os quais pretendo debruçar-me integram-se nesta vaga de autognose ficcional da pátria e, dentro desta vaga, numa onda de ficcionalização que se acentuou e foi crescendo à medida em que se foi definindo e depois aproximando a data do último ato formal de encerramento do ciclo imperial português – a transferência em 20 de Dezembro de 1999 da administração do território de Macau para a República Popular da China. Poderíamos lembrar obras de poetas e ficcionistas como Altino Tojal, José Augusto Seabra, Maria Ondina Braga, José Jorge Letria, João Aguiar, Natália Correia, Orlando Neves, Eugénio de Andrade, Alexandre Pinheiro Torres, Sophia de Mello Breyner Andresen, Miguel Torga...

Integram-se portanto ambos os romances naquilo que Ana Paula Coutinho Mendes designa por uma “cartografia em aberto” que exige uma leitura com “lentes bifocais”, a qual tem sido intensamente desenhada nas últimas décadas na literatura (mas também no cinema e noutras expressões artísticas), “cada

vez mais enredados em questões de identidade, de identificação e de deslocação, levantadas ou pelo menos exponenciadas quer pelo pós-colonialismo (histórico e crítico), quer pelo pós-modernismo (...), quer ainda pelo reconhecimento da centralidade dos desafios multiculturais para o mundo actual” (Mendes 2009: 10).

Se os dois me interessam pelo que ficou dito e pela forma como colocam questões de interculturalidade próprias de contextos pós-coloniais, aqueles romances importam-me muito particularmente pelo modo como se apropriam da figura de um dos vultos maiores da literatura portuguesa da viragem do séculos XIX para XX – refiro-me ao grande poeta Camilo Pessanha que, como é sabido, viveu em Macau entre 1894 e 1926, onde morrerá, tendo, entretanto, regressado por quatro vezes à metrópole.

Digamos que são romances que, recorrendo a estratégias intertextuais de prática relativamente comum no romance contemporâneo, legitimadas pela permissividade relativamente à noção de autor própria da pós-modernidade, as ultrapassam no sentido daquilo a que Saint-Giles chama *transfictionnalité*. Enquanto a intertextualidade repousa em relações entre textos recorrendo a estratégias que vão da citação à alusão, passando pelo *pastiche* e pela paródia, mas mantendo sempre “un écart jamais nul entre les objets fictifs concernés”, a transfictionalidade pressupõe a relação entre dois ou mais textos na base de uma “comunidade ficcional”, onde personagens ligadas a outros textos se tornam personagens de textos novos e parte do princípio da “identité des instances fictives à travers des oeuvres autonomes” (Saint-Giles 1999). Na sequência Saint-Gelais constata que, embora a transfictionalidade seja frequente no domínio literário, tem atraído menos a atenção dos estudos literários do que das teorias da ficção de inspiração filosófica ou lógica.²

As realizações transfictionais comportam, como é óbvio, uma diversidade de modalidades de que as mais imediatamente evidentes são aquelas em que ocorre uma apropriação da per-

sonagem de uma ficção prévia por uma outra nova, como, por exemplo acontece no romance *Nação Crioula*, do romancista contemporâneo angolano Agualusa, que se apropria do protagonista de *A Correspondência de Fradique Mendes*, do romancista português oitocentista Eça de Queirós, fazendo dele a personagem central de uma história alternativa à história queirosiana, aproveitando aquilo que se pode designar por porosidades da tessitura ficcional para criar sequências de enunciados contra factuais. Trata-se, na expressão de Saint-Gelais, de uma espécie de *contraficções*. Mas evidentemente também se pode encontrar uma modalidade transficcional noutro tipo de práticas como aquelas que, apropriando-se de uma personagem real, a transformam numa personagem ficcional, construindo uma narrativa contra factual relativamente a uma narrativa de primeiro grau, que seria aquela que dessa personagem a historiografia ou a memória colectiva ou a *doxa* foram construindo. De certo modo, o romance histórico contemporâneo tem explorado à exaustão esse filão que tem, no caso português, cultores renomados como José Saramago ou Mário Cláudio ou Mário de Carvalho entre tantos outros.

>>

Os autores dos dois romances de que me quero ocupar apropriam-se de Camilo Pessanha, da sua obra, da memória da sua vida em Macau, da narrativa construída em torno de uma figura real chamada Camilo Pessanha, da sua “lenda”³, diz Agustina Bessa-Luís, para o transformarem em personagem das suas ficções. Mais, fazem dessa figura a personagem central dos seus romances transficcionais, se bem que de uma centralidade difusa e algo camuflada, e tornam-na pedra angular para pensarem as relações de interculturalidade e consequentemente as questões de identidade que, como disse, a produção ficcional portuguesa sobre Macau, na década de 90 do século passado, forçosamente suscitou. Saint-Gelais acrescentaria: e também para esclarecer “l’économie politique de la fiction”.⁴

Com efeito, enquanto Rebordão Navarro atribui aparentemente ao narrador/autor o papel de protagonista, e digo aparente-

mente porque realmente há uma outra personagem que pode ser entendida como um protagonista fantasmático e nem sempre explicitamente identificado, isto é, Camilo Pessanha, Bessa-Luís escolhe como protagonista um tal José Carlos Pessanha ou Santos Pastor ou Pessanha ou Santos Pastor conforme o nome que prefere nas várias fases do seu percurso existencial, o qual na sua estadia de vários anos em Macau e Pequim terá sempre como figura de retaguarda ontológica, digamos assim, Camilo Pessanha.

174>175

Antes de prosseguirmos, talvez importe recordar que Camilo Pessanha viveu em Macau cerca de trinta anos e aí exerceu actividade profissional como professor e magistrado, tendo-se apaixonado pela arte oriental e sofrido um processo de aculturação designadamente no que à vida privada diz respeito e tendo estudado intensamente cultura e língua chinesas numa ótica que Saïd (1990) não hesitaria em classificar de orientalista. Morreu opiómano e tendo deixado uma obra poética simbolista excecional e alguma obra como ensaísta e tradutor. No quadro do orientalismo literário português do século XIX, deu corpo à passagem de um orientalismo decorativo para um orientalismo interiorizado e à compreensão plena do simbolismo como poética do exílio e da sugestão, alheada de qualquer preocupação referencial. Quando Pessanha proclama, nos versos iniciais de *Clepsidra*: “Eu vi a luz em um país perdido. / A minha alma é lânguida e inerme.” (Pessanha 1999: 61) é à experiência da viagem interior, como “l’Orient de l’Occident” (Baudelaire 1968: 156), de que falava Baudelaire, que está a aludir. O Oriente como ideia de exílio tenta-o mesmo antes da viagem real ao Oriente, como é visível no premonitório poema de juventude “Lúbrica”, onde aspira à experiência do esvaecimento interior à semelhança do fumador oriental.

Mas o Oriente nunca ou quase nunca pode ser referenciado

como imagem pictórica ou decorativa na sua poesia, não é paisagem, nem engaste em joia simbolista. Subjaz à sua poesia, entretece-a, na atitude contemplativa que subentende, insinua-se numa *poiética* da língua que alguma coisa deverá ao conhecimento e à experiência da tradução da poesia chinesa que Pessanha empreendeu ao traduzir oito elegias. Basta notar como aquilo que, segundo ele, caracteriza e constitui o encanto da poesia chinesa, se aplica à sua própria poesia, isto é, a “duplicidade”, a “imprecisão” da linguagem, a diluição sintáctica, geradora de ambiguidade semântica, a “concisão epigráfica”, a “intensidade da sugestão”, a construção do símbolo (Pessanha 1969: 285-9).

>>

Aqui ou além há uma vaga sugestão de paisagem chinesa (“Ao longe os barcos de flores”), a percepção de uma incursão na religião oriental (“Branco e vermelho”), mas de um modo geral apenas é perceptível a dolência verbal, a musicalidade, o niilismo, o vigor evocatório da imagem, a repetição em círculo, aquilo que José Augusto Seabra designou por “instrumentação oriental e não ocidental” (Seabra 1994: 102) da poética simbolista.⁵

Mas voltemos aos nossos romances.

Ora, em *As Portas do Cerco*, a presença de Pessanha é constante na medida em que a sua obra a todo o momento é convocada, quer ao nível da citação reproduzida pela palavra do narrador/autor a respeito das múltiplas peripécias que numa viagem de poucos dias a Macau terá ocasião de viver, quer ao nível da própria estruturação da narrativa, bastando lembrar que todos os capítulos e subcapítulos abrem com palavras em verso ou prosa de Pessanha. Em *A Quinta Essência*, a presença de Pessanha só na aparência é mais diluída, porque neste romance de evidente busca ontológica do protagonista visando a quinta essência, onde inúmeras figuras reais e lendárias atravessam a narrativa e se tornam coadjuvantes na procura de si

próprio encetada pelo protagonista, Pessanha embrenha-se no estádio primeiro de afirmação da identificação, o nome. Aliás, o narrador afirma mesmo que “José Carlos estava a ser ocupado pelo espírito de Pessanha” (Bessa-Luís 1999: 142), embora também seja verdade que nos informa que num dado momento “mudou a disposição de José Carlos quanto a Camilo Pessanha” (*idem*: 120) como, aliás, acontecerá a quase tudo na vida dele.

Em ambos os romances a evocação de Pessanha permite uma interrogação sobre o que é ser português e macaense em Macau, o que é ser chinês em Macau, o que é ser macaense e chinês em Macau, isto é, nos dois romances através de Pessanha se visita e subverte os estereótipos da interculturalidade, se olha o outro como igual e diferente, se olha o próprio como diferente de si mesmo e do outro, isto é, se tenta identificar processos de miscigenação constituidores quer da identidade macaense, quer da identidade portuguesa e se constata a impossibilidade de uma constatação conclusiva daquelas interações.

Pessanha é, no romance de Rebordão Navarro, uma espécie de farol de guia do roteiro que o autor/ narrador empreende de tal modo que nada, desde as apreciações sobre o clima às de teor mais sociocultural que constata uma “fatal diferença” (Navarro 1992: 22), se fazem sem a sua convocação e sem o seu desnorte de anti farol, de “ser desmanchado e repartido, um ser reflectido nas polidas arestas, nas faces luminosas dos poemas” (*idem*: 112). Transparências e reflexos poliédricos que a par da experiência do ópio, por ele próprio descrita como um “delírio lúcido”, facultando o acesso simultâneo a duas vidas (*idem*: 63), contribuirão para impedir a decifração da realidade circundante, adensando o “enigma” de Macau, “terreno fértil ao mistério” (*idem*: 127).

O clima sufocante e a incerteza do tufão, a sensação de estranheza que vai dos alimentos e dos cheiros à caligrafia chi-

nesa, passando pela força das superstições, tudo se conjuga para tornar a percepção da realidade extremamente difusa, mas vai sendo a memória literária de Pessanha que o narrador/autor transporta que vai permitindo estabelecer possibilidades de interpretação/identificação da realidade. O narrador/autor constata os medos do motorista Melo, timorense radicado há 25 anos em Macau, casado com uma chinesa, mas que nunca fora à China porque “Receava ser preso sem motivo, por crime não praticado, julgado sem garantias, condenados sem remissão à pena capital num desses miseráveis tribunais que, oitenta anos antes, o Poeta descrevera no prefácio ao *Esboço Crítico da Civilização Chinesa* do Dr. Morais Palha” (*idem*: 27)... e segue-se de imediato o virulento texto de Pessanha.

>>

No caso da atenção dada aos monumentos ligados à administração portuguesa, uns que foram arrancados e outros que sobreviveram, e que são motivadores da revisitação histórica contra factual por parte do narrador/autor, também acontece o apelo à palavra de Pessanha, como na célebre história do coronel Mesquita que tomou o forte de Passaleão donde os chineses ameaçavam a cidade e que em fim de vida terá protagonizado um episódio trágico de um duplo assassinato da mulher e da filha seguido do seu de suicídio, cuja memória Pessanha tentou reabilitar.

De algum modo a lenda e a memória de Camilo Pessanha constituem para o narrador/escritor d’ *As Portas do Cerco* uma espécie de “ilusão da terra portuguesa”, para usar uma expressão do próprio poeta, numa cidade onde as marcas da portugalidade estão já muito rasuradas. É aliás como ilusão que aqui são contempladas e com alguma coisa de spectral e de simulação visual, como acontece num momento de espera do narrador/autor em que visionamos, como se de uma aparição se tratasse, Pessanha em diálogo com um amigo jovem, Ling W. Y., no qual longamente fala da sua visão do Oriente, da visão oriental do Ocidente, da sua poesia e da sua situação de aculturado atraído pelo culto oriental da “deserção”:

Ó quem pudesse deslizar sem ruído!

No chão sumir-se como faz um verme... (Navarro 1992: 57-65)

178>179

Macau, como de resto todo o círculo de personagens que o narrador/autor vai conhecendo na breve estadia no território, vão perdendo consistência e realidade, não conseguindo ganhar aos seus olhos interrogadores identidade perceptível. Inclusivamente, em lugar de se esclarecer, adensa-se o mistério em torno de uma morte que entretanto ocorrera. “Tudo a partir daí seria incerto, duvidoso, com o futuro imprevisível.” (*idem*: 149) – esta é uma das últimas frases do romance, antecedida pouco antes de uma constatação motivada pelo destino da amiga que o guiara em Macau – que é bem elucidativa do universo de espectros e de charadas em que Macau se convertera: “A casa já não era dela, como Wu Jo não era de Pedro Bernardo nem de Din Shi nem de Macau e Macau já não era, nunca fora de Portugal, nem da China, nem de parte nenhuma. Península de pássaros” (*idem*: 128).

Também por versões alternativas da história do coronel Mesquita e de uma série de outros episódios ligados à história de Macau, relativos à presença ou à soberania portuguesa no território, à missionação jesuíta e à própria mitologia social da cidade, passa o romance de Agustina Bessa-Luís. Neste caso, o livro, longo de quase 400 páginas, expande-se sobre uma lógica de permanente justaposição de versões possíveis de várias histórias, alimentadas pelo “génio da repetição” (Bessa-Luís 1999: 299) de que o protagonista estaria possuído, que colocam o leitor perante uma espécie de charadas para as quais tem que procurar respostas.

José Carlos, pertencente a uma família burguesa, de nome Pessanha, ainda do ramo do poeta, que se sentira especialmente lesada pela revolução libertária do 25 de Abril de 1974, tem como móbil da sua partida para Macau onde, “nos

anos oitenta, tudo era ainda possível” (*idem*: 44), perpetrar uma vingança algo aleatória num capitão de Abril, o que vai levá-lo a aproximar-se de três mulheres de três gerações diferentes de uma família tradicional macaense. Em breve este móbil é esquecido e João Carlos lança-se na busca ontológica atrás referida, que passa por um processo nunca definitivamente selado de identificação e rejeição com Camilo Pessanha e de decifração de Macau e do Oriente, busca que também passa por um processo igualmente nunca encerrado da sua metamorfose de *ferangi* e “demónio europeu” num achinesado que, quando regressava a Portugal, se sentia exatamente como o poeta, “um estrangeiro” (*idem*: 191).

>>

À medida que se vai embrenhando na realidade macaense e oriental, José Carlos vai entendendo o carácter híbrido/multicultural da identidade macaense e a natureza mestiça da sua própria identidade. Como Pessanha, vai-se aculturando e, mesmo pretendendo demarcar-se de Pessanha, a verdade é que “Em pouco tempo era conhecido como o parente do poeta. Inventaram-lhe mesmo tiques e tendências que ele não tinha” e “Não tardou que o achassem tão maníaco como o poeta”. O narrador brinca construindo transficcionalmente a nova personagem perante os olhos do leitor: “- O Pessanha novo?”, pergunta alguém a páginas tantas. José Carlos “Não se livrava da comparação com o poeta, que era um faquir (...) lembrado como um louco manhoso e até mau. (...) tinha medo de que o julgassem pérfido e descarado. E era, só que mais acobardado, mais evasivo e mais doido talvez” (*idem*: 72). Indeterminação, fracturas, paradoxos até são comuns neste jogo de recorrência das personagens nas narrativas transficcionais que também obviamente nunca deixa indemne a identidade postulada à partida.

Ora sendo mais ora menos Pessanha, José Carlos, faz a caminhada para o seu próprio entendimento e para o entendimento de Macau enquanto fruto de secular e intensa “miscigenação” (*idem*: 70) através de um vertiginoso e caleidoscópico mergulho no qual o leitor é arrastado numa série de narrativas

mais ou menos canónicas, as quais serão exploradas, reiteradas, recontadas em função de uma multiplicidade de hipóteses de interpretação, de desenvolvimento, de alteração, num intrincado por vezes difícil de seguir pelo leitor menos avisado. Entre elas está evidentemente a própria lenda biográfica de Pessanha, mas também a do jesuíta Matteo Ricci e do seu apostolado, os livros, *Arte da guerra*, de Sun Tzu e sobretudo o clássico do realismo chinês, *O Sonho do Pavilhão Vermelho*, de Cao Xuequin, para além de várias narrativas ligadas à historiografia macaense, designadamente à sua formação. Estas narrativas são contadas, recontadas, convocadas fragmentariamente de pontos de vista diversos de tal modo que o leitor tem a sensação que o narrador é uma espécie de Xerazade contando ininterruptamente histórias o tempo necessário a José Carlos para ir decifrando as charadas em que ele e Iluminada se haviam especializado. José Carlos e esta mulher, em cujo amor fictivo ele se acabara por fixar em Macau após tê-la deixado cair como objecto do projecto inicial de vingança, haviam-se tornado ágeis decifradores de charadas, ao construírem hipóteses narrativas alternativas e “diálogos imaginários” (*idem*: 287) na caminhada constitutiva do referido processo de entendimento, isto é, no sentido afinal da *quinta essência*. Por isso o livro encerra com a citação da frase com que Cao Xuequin fecha cada capítulo do seu livro: “Quem quiser saber o que se segue, não tem senão que remeter-se às explicações da próxima narração” (*idem*: 374).

José Carlos é Pessanha, neste livro, como é personagem do livro de Cao Xuequin, de quem se torna tão próximo que passará a designar por “amigo Joaquim” (*idem*: 327) — a ironia agustiniana insinua-se pelos mais variados caminhos —, como se confundirá com o próprio Matteo Ricci, como conviverá com um sem número de figuras espectrais que atravessam todas aquelas narrativas.

O ludismo e o charadismo que subjazem a este romance, e que se adequam perfeitamente à construção de transfigurações tão do gosto de Agustina Bessa-Luís, fazem dele uma espécie de quebra-cabeças, um jogo do tesouro em ambiente de maravi-

lhoso onde a loucura não deixa também de irromper. E o que contém a arca que José Carlos, entre loucura e lucidez almeja e que entreabrirá? O mesmo afinal que a obra de Pessanha contém de forma mais ínvia: uma identidade híbrida, mestiça, plasmada na fachada cristã e confuciana de S. Paulo, na cumplicidade entre João Carlos e Iluminada na decifração de enigmas, abandonada que foi a dissensão de vingança que os separava inicialmente, nos dois passaportes (um chinês outro português) que, de regresso a Portugal, José Carlos passará a ter.

José Carlos e Camilo Pessanha tocaram a *quinta essência*, ao perceberem por enigmáticos caminhos sem termo que, abandonando formas ocidentais e racionais de compreensão do mundo e passando pelo maravilhoso, pelo sonho, pelo ópio, pela loucura, eram capazes de morrer por esta sentença de Lie Zi: "Reduzir o conhecimento à inteligência humana é superficial" (*idem*: 68).

>>

Termino acentuando o facto de estes dois romances se afigurarem dois complexos e eficazes exercícios transficcionais que, na sua reiterada vontade de não decifrar enigmas, na sua caótica convocação de espectros memoriais e na sua teimosa exploração de possibilidades, contribuem para tornar menos turvas as águas misturadas do Tejo e do Zhu Jiang e para, no labirinto da opacidade intercultural, identificar algumas pérolas e por que não algumas tágides no leito do Zhu Jiang, como pérolas e tágides poderão ser entrevistas com dificuldade no fundo do Tejo. No fundo, poderíamos dizer com Saint-Gelais que, através da sua dimensão transficcional, contribuem para a evidenciação de alguns originais e eficazes caminhos de uma economia política da ficção. A indeterminação, o ludismo, o pensamento analógico, o sonho podem ser boas vias para a descoberta identitária e para o desvelamento intercultural. <<

[1] Esta comunicação insere-se no âmbito do projecto Interidentidades, do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Unidade de Investigação & Desenvolvimento, sediada na Faculdade de Letras do Porto e financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ao abrigo do Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação 2010 (POCI 2010), do Quadro Comunitário de Apoio III (POCI 2010-SFA-18-500).

[2] Precisando, Saint-Gelais acrescenta: "On s'en apercevait en consultant l'ouvrage qui, à ce jour, s'approche le plus sans doute de la question: le *Palimpsestes* de Gérard Genette (1982): même si une part importante des textes et des dispositifs qui y sont examinés impliquent une migration intertextuelle des personnages (et des histoires), l'accent n'est à peu près pas mis sur le statut des entités fictives concernées, mais bien davantage sur les modalités des rapports que des textes sont susceptibles d'établir avec *d'autres textes*" (1999). Ora, no campo da transficcionalidade, o domínio da dimensão ontológica das personagens convocadas é central na criação do referido conceito de "comunidade ficcional" e no estabelecimento da relação entre ficção e realidade.

[3] "José Carlos, depois de certo tempo, encontrava no seu caminho Camilo Pessanha, de quem os intelectuais lhe falavam com admiração. Possivelmente teria sido menos interessante do que a sua lenda, que é o que acontece com as pessoas dissimuladas." (Bessa-Luís: 142)

[4] "Je ne prétendrai donc pas régler" – refere-se Saint-Gelais às relações entre ficção e realidade – "la question mais voudrais seulement souligner son caractère intensément idéologique, qui touche bien plus que les contenus (la représentation des femmes, des homosexuels, des divers groupes ethniques) puisqu'il affecte ce que j'appellerais, pour dire les choses rapidement, *l'économie politique de la fiction*. La conception qu'on se fait de la fiction me semble en effet aussi idéologiquement marquée, sinon décisive, que celle qu'on se fait des rapports des sexes ou des groupes sociaux; s'interroger, comme je m'apprete à le faire, sur quelques développements "formels" en matière de fiction, voilà qui me paraît un peu moins *gratuit qu'une conception* étroite de l'idéologie pourrait nous amener à la croire" (1999).

[5] A tudo isto Pessanha se refere no "Prefácio à tradução poética das elegias chinesas", *apud* Seabra.

BIBLIOGRAFIA ∨

Baudelaire (1968), *Petits Poèmes en Prose, Oeuvres Complètes*, Paris, Ed. du Seuil.

Bessa-Luís, Agustina (1999), *A Quinta Essência*, Lisboa, Guimarães Editores.

Bhabha, Homi K. (2003), *O local da cultura*, Belo Horizonte, Editora UFMG [1998].

Mendes, Ana Paula Coutinho (2009), *Lentes Bifocais – Representações da diáspora portuguesa do século XX*, Porto, Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP).

>>

Genette, Gérard (1982), *Palimpsestes. La littérature au second degré*, Paris, Seuil.

Gomes, Luísa Costa (1988), *O Pequeno Mundo*, Lisboa, Quetzal Editores.

Lourenço, Eduardo (1990), *Nós e a Europa ou as duas razões*, 3ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda [1988].

Machado, Álvaro Manuel (1983), *O Mito do Oriente na Literatura Portuguesa*, Lisboa, ICLP.

Machado, Álvaro Manuel (2003), "Oriente: exotismo e mito, de Camões a Fernando Pessoa", *Do Ocidente ao Oriente*, Lisboa, Editorial Presença.

Navarro, António Rebordão (1992), *As Portas do Cerco*, Braga, Livros do Oriente.

Pessanha, Camilo (1992), *Camilo Pessanha – prosador e tradutor*, organização, prefácio e notas de Daniel Pires, Macau, Instituto Português do Oriente / Instituto Cultura de Macau.

Pessanha, Camilo (1997), *Clepsidra e outros poemas*, edição crítica de Barbara Spaggiari, Porto, Lello & Irmãos Editores [1920].

Pessanha, Camilo (1969), *Clepsidra e outros poemas*, Lisboa, Edições Ática, [1920].

Saïd, Edward W. (1990), *Orientalismo – O Oriente como Invenção do Ocidente*, S. Paulo, Companhia das Letras [1978].

Saint-Gelais, R (1999), "La fiction à travers l'intertexte" (consultado em 09.02.2010) in <http://www.fabula.org/forum/colloque99>.

Seabra, José Augusto (1994), "Macau, o Oriente e a Poesia Portuguesa: de Camões a Camilo Pessanha", *Poligrafias Poéticas*, Porto, Lello & Irmão Editores.

Simas, Mónica (2002), "Em busca d' *A Quinta Essência*: Saudades de Cao Xueqin", *Semear*, Revista da Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses, nº7, Rio de Janeiro:193-207.

-- Mónica (2007), *Margens do Destino – Macau e a literatura em língua portuguesa*, S. Paulo, Yendis Editora.